



## A METODOLOGIA DO ESPELHO DE OXUM NA PSICOLOGIA

*Abrahão de Oliveira Santos<sup>1</sup>*

*Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, RJ, Brasil.*

*Luíza Rodrigues de Oliveira<sup>2</sup>*

*Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, Niterói, RJ, Brasil.*

**Resumo:** Este artigo versa sobre uma discussão em que o espelho de Oxum, como princípio epistemológico apresentado pela escriturização de Conceição Evaristo, pode ser tomado para pensar pesquisa e prática na psicologia. Para tanto, apresentamos uma breve crítica aos percursos da psicologia diante do racismo antinegro e, mais ainda, os sentidos de identidade, de cosmovisão negra e de ancestralidade. A finalidade é pensar uma psicologia a partir da agência dos povos negros.

**Palavras-Chave:** Escriturização; Espelho de Oxum; Metodologia; Psicologia.

## THE MIRROR OF OXUM METHODOLOGY IN PSYCHOLOGY

**Abstract:** This paper deals with a discussion in which the Oxum mirror, as an epistemological principle presented by Conceição Evaristo's *escrivência*, can be taken to think about research and practice in psychology. To this end, we present a brief critique of the paths of psychology in the face of anti-black racism and, even more, the meanings of identity, black cosmovision and ancestry. The purpose is to think of a psychology from the agency of black people.

**Keywords:** Writing; Oxum Mirror; Methodology; Psychology.

---

<sup>1</sup> Docente no Curso de Psicologia da UFF-Niterói e do PPGP-UFF, Coordenador do Kitembo - Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileira, onde desenvolve estudos para uma psicologia aterrada, afroindígena, contracolonial e antirracista. E-mail: [abrahaos@id.uff.br](mailto:abrahaos@id.uff.br); e ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7741-3020>

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Psicologia-UFF, dos programas de pós-graduação em psicologia e de pós-graduação em ensino de ciências da natureza da UFF. Coordenadora do LALIDH-oralidades. Participante do CDINN- Coletivo de Intelectuais Negras e Negros do país. E mail: [luizaoliveira@id.uff.br](mailto:luizaoliveira@id.uff.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2264-1258>



## LA METODOLOGÍA DEL ESPEJO DE OXUM EN PSICOLOGÍA

**Resumen:** Este artículo trata de una discusión sobre el espejo de Oxum, como principio epistemológico presentado por la escritora Conceição Evaristo, puede ser tomado para pensar la investigación y la práctica en psicología. Para ello, presentamos una breve crítica de los caminos de la psicología frente al racismo antinegro y, más aún, los significados de identidad, cosmovisión negra y ancestralidad. El propósito es pensar una psicología desde la agencia de los negros.

**Palabras-clave:** Escritora; Espejo de Oxum; Metodología; Psicología.

## LA MÉTHODOLOGIE DU MIROIR DE OXUM EN PSYCHOLOGIE

**Résumé:** Cet article traite d'une discussion dans laquelle le miroir d'Oxum, en tant que principe épistémologique présenté par l'écrivaine Conceição Evaristo, peut être pris pour penser la recherche et la pratique en psychologie. À cette fin, nous présentons une brève critique des voies de la psychologie face au racisme anti-noir et, plus encore, des significations de l'identité, de la cosmovision noire et de l'ascendance. Le but est de penser à une psychologie de l'agence des Noirs.

**Mots-clés:** Ecrivaine; Miroir d'Oxum; Méthodologie; Psychologie.

## INTRODUÇÃO

Temos trilhado, pelos nossos grupos de pesquisa, ensino e inserção social, nomeados Kitembo e LALIDH-oralidades, na Universidade Federal Fluminense, caminhos que têm nos exigido metodologias para o encontro com os povos negros. Esta não é uma discussão de agora, nem mesmo no pensamento psicológico, pois é um princípio nos estudos de Frantz Fanon e, em terras brasileiras, nas produções de Virgínia Bicudo. E por que haveria metodologias específicas para lidar com a racialização do racismo antinegro e, portanto, modos de encontrar aquelas/es alvos desse modo de violência?

Entendemos que encontrar o sentido de subjetivação engendrado pela experiência colonialista e promover a “[...] desintoxicação das subjetividades colonizadas” (NOGUERA, 2020, p. 17) exige de nós a suspeição das formas de produção de conhecimento existentes, pois como nos diz Fanon (2008, p. 29), “deixaremos os métodos para os botânicos e os matemáticos. Existe um ponto em que os métodos se dissolvem”, mas e se, como fez o próprio autor, e também Virgínia Bicudo (1995, 2010), inventássemos um método, tendo como princípio a luta contra o



racismo antinegro pela agência dos povos negros? Essa luta é política e se dá por grandes e pequenas revoluções, sendo condição para o desvendamento da maneira como a colonialidade nos institui socialmente, mas também é um exercício de análise psicológica, a fim de construir caminhos para uma desalienação das pessoas negras, pois as cotidianidades da racialização do racismo antinegro se instituem também em modos de interiorização subjetiva. Assim, além de estarmos construindo uma psicologia para desalienação em uma clínica reconhecida, a construímos também pela educação e pelas próprias pesquisas. Portanto, se fazer pesquisa para os nossos grupos exige o reconhecimento da racialização no Brasil como princípio; não podemos escolher metodologias sem esse não álibi.

Como dito acima, nossos passos vêm de longe e reconhecemos, no pensamento psicológico, Virginia Bicudo (1955, 2010), Frantz Fanon (2008) Fanon e Azoulay (2020) como fundadores desse princípio epistemológico, todos inaugurando uma forma de pesquisa que vai ao encontro dos povos negros, que dá centralidade à racialização e negando os métodos existentes pela afirmação de um modo como possibilidade de afirmar sua prática para a descolonização do ser, para um novo humanismo (OLIVEIRA, LIMA, SANTOS, 2021). A partir disso, podemos entender que Virginia Bicudo (1995, 201) e Frantz Fanon (2008) engendram no campo psi uma suspeição acerca de fatores filogenéticos e ontogenéticos tão afirmados pela psicologia da época como determinantes para os modelos explicativos sobre o sofrimento psíquico, para, então, trazerem à cena o que Fanon (2008) nomeia de sociogênese, evidenciando que há uma tensão diante do drama provocado pela colonialidade em que a luta social é fundamental, mas também é necessária a “desintoxicação” do ser, anunciando um sentido de identidade.

Mas e se, nessa construção metodológica, enfrentarmos a própria escrita e a tomarmos como condição?! Nossa história com Conceição Evaristo começa com a leitura de Ponciá Vicêncio (EVARISTO, 2017), obra na qual estamos encontrando um sentido de subjetivação que nos ajuda entender o seu sentido relacional a partir da racialização no Brasil; no entanto, essa história ganha um capítulo que inaugura uma “conversa” prolongada até hoje. Estávamos em 2018 quando encontramos Conceição Evaristo em uma palestra sobre sua obra, numa sala lotada com várias e vários estudantes sentados no chão, no Instituto de Letras da UFF. Naquele dia, a autora falava especificamente da criação de Ponciá Vicêncio e, então, pudemos dizer a ela como



estávamos encontrando possibilidades de pensar subjetivação a partir do seu modo de escrita, da própria história de Ponciá Vicêncio e da ideia de identidade dos povos negros expressa no ir e vir da personagem, como a autora gosta de dizer. Ao ouvir nossa fala, após um gesto de surpresa e de acolhida da nossa proposição, Conceição Evaristo dialoga pelos caminhos de um sentido de identidade aterrado na vida de Ponciá Vicêncio e dos seus e termina dizendo: “acho que preciso escrever outro livro”. Essa é para nós uma cena originária, pois desde então entendemos a “autorização” da autora para trazer para o campo psi na academia o que temos aprendido com sua obra.

Com essa inspiração, encontramos a obra de Conceição Evaristo (2020a, 2020b), a qual, por sua estética literária, interpela os sentidos de identidade, intimidade e escrita. Certa vez, a autora relatou (EVARISTO, 2021) haver muita curiosidade sobre a forma como ela escreve, mas há algo que sempre aparece nas perguntas como um fato já dado, um sentido de intimidade da escrita — o que é rechaçado por ela —, muitas vezes trazendo como exemplo a escrita do poema “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, escrito em homenagem a Beatriz Nascimento, feito enquanto ela e a homenageada esperavam o ônibus que as levaria de volta para casa, sentadas à beira de um meio fio na cidade do Rio de Janeiro, em uma madrugada.

Conceição Evaristo nega, assim, uma intimidade que evidenciaria um solipsismo do sujeito, algo que não cabe na vida das pessoas negras, uma intimidade branca para a autorreflexão. Sua escrita é uma escrita de nós, instituidora do sentido de intimidade que só se faz pela identificação com as experiências vividas do povo negro (Lima, Lima e Oliveira, 2022). Ao afirmar essa escrita, Conceição Evaristo nos apresenta outro sentido de identidade. Ouçamos a própria autora acerca das comparações entre sua obra e a da Clarice Lispector:

De Clarice me seduz a afirmativa de que “a aprendizagem da escrita está no mundo”. Concordo, mas substituo por “a aprendizagem da escrita está na vida”. Pois, foi da e na dinâmica da vida que observei os primeiros traços escritos, a primeira grafia, cuja página foi o chão. Observar o mundo é de grande valia, mas o meu mundo primeiro era tão comedido, tão pouco o meu universo, que tive de aprender a olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão. E profundidade me trazia e traz o concreto, a vida com as suas mortes, a realidade confrontando o sonho; “os sonhos moldados a ferro e fogo”. “Escrever é dominar o mundo,” conclui Clarice. Não tenho a experiência de domínio algum. A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. [...] Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas



um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência. Por isso nunca pensaria a Escrivência como possibilidade de domínio do mundo. Mas como uma pulsação antiga, que corre em mim por perceber um mundo esfacelado [...]. E o que seria escrever nesse mundo? O que escrever, como escrever, para que e para quem escrever? Escrivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida [...], mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. (EVARISTO, 2020a, p. 34-35).

Essa identificação pelo pertencimento, pelo olhar do povo negro, anuncia um “novo humanismo” (FANON, 2015, p. 281), o que indica uma identidade constituída por dentro da experiência do povo negro. Nessa construção de uma identidade afrodiaspórica, Conceição Evaristo, nos remete ao sentido gerador do termo escrevência — a figura da mãe preta e sua agência. Escrivência é “[...] um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado [...] hoje a letra, a escrita, nos pertencem também [...] sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais.” (EVARISTO, 2020a, p. 30). Isso significa que homens negros não podem fazer uso do método?! Não é disso que se trata, mas, sim, de tomar a presença da mulher negra como essência do método. Ousamos dizer que as coisas se dão como Luiza Bairros (2016) afirma: não é possível melhorar a vida de mulheres negras sem funcionalizar de outra maneira a vida do povo negro, em que estão incluídos homens negros, exigindo pautas centrais para o feminismo negro — uma delas é a luta contra o extermínio dos jovens negros. Como exemplo, citamos a tese de doutorado intitulada *Crítica à “educação brancária”: escrevências, currículo e identidade para um ensino de história antirracista*, de Daniel Gomes (2023), em que, por meio de suas histórias, todas geradas a partir dos ensinamentos de mulheres negras, um professor negro afirma os vínculos entre formação subjetiva e ensino. E assim Conceição Evaristo vai afirmando que escrevência é uma escrita contra as opressões que arrasta a identificação de pessoas trans, indígenas e muitas outras cujos corpos e vozes são alvo direto do colonialismo (Evaristo, 2020a).

Nessa elaboração da Escrivência enquanto método, cuja ferramenta é a escrita, Conceição Evaristo (2020a) não deixa de nos apontar os caminhos da fundamentação epistemológica, pois, ao apresentar o espelho de Oxum como princípio, anuncia a escrevência como método para o qual o fundamento que institui a vida dos



povos negros é mais uma condição inegociável. Para isso, revela a autora: “[...] trago um imaginário mítico da cosmogonia africana para contrapor à narrativa de Narciso [...]. A Escrivivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto.” (EVARISTO, 2020a, p. 38). O espelho de Narciso é o grande dispositivo ocidental de encontro entre o eu e o outro, quer dizer, o eu na busca repetida e compulsiva do seu próprio rosto no outro. A crítica a esse elemento é o enfrentamento das diversas abordagens do pensamento psicológico, como a teoria e a prática psicanalíticas, para as quais há um princípio universal, e, portanto, pelos olhos da branquidão, que explica a subjetivação e a identificação da seguinte maneira:

O narcisismo funciona em dois níveis, que Lacan vai se empenhar para distinguir e articular:

– um primeiro referente à imagem corporal e que leva o sujeito a dar a sua própria forma a seu *Umwelt*; é a origem do *moi* ideal (*Idealich*); é ele que Lacan em sua imagem óptica situa ao nível da imagem real; é o reflexo da unidade do corpo;

– no homem, contrariamente aos outros animais, sua reflexão no espelho constitui “uma possibilidade poética original” que introduz ao segundo narcisismo, aquele que faz com que o outro, enquanto *alter ego*, vá se confundir – e isso mais ou menos conforme os momentos da vida – com o ideal do *moi* (*Ichideal*). Trata-se de uma identificação narcísica ao outro; o sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação a este outro como ideal. (LÉGER, 1989, p. 36, grifos do autor).

Na mesma direção da crítica de Conceição Evaristo, Frantz Fanon (2008), enfrentando a psicanálise, nos diz que ela deveria se interrogar até que ponto pode sua clínica e sua teoria lidar com o povo negro. O autor coloca em suspeição afirmações sobre família e infância, ao evidenciar que “o preto é um objeto fóbico e ansiógeno” (FANON, 2008, p. 134) e que “o mundo branco [...] rejeitava minha participação. [...] Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse” (FANON, 2008, p. 107) e não há, conforme Fanon, nada de inconsciente ou de reflexo do corpo em que a racialização antinegra não seja levada em consideração: “um estudo rigoroso deveria se apresentar assim: interpretação psicanalítica da experiência vivida do negro; interpretação psicanalítica do mito preto.” (FANON, 2008, p. 134).

### ESCREVIVÊNCIA COMO MODO DE ENTERREIRAR-SE



Diante das afirmações de Conceição Evaristo, não seria demais dizer que a escrevivência é um modo de enterrear-se para um grupo social que, embora esteja em maioria, vive os efeitos da *desgramura* da diáspora. Chamemos aqui a escrita de mulheres negras que nos ensinam esse modo, como Carolina Maria de Jesus, por exemplo, de enterreir-se na escrita e com a escrita. Carolina Maria de Jesus faz sua travessia. Por que ela, assim como Conceição Evaristo, escreve? "R. Quando eu chegava em casa não tinha nada para comêr. Então eu ficava nervosa. Quando fico nervosa não gosto de xingar, prefiro escrever. Cada um tem uma mania" (JESUS, 2021b, p. 263).

É isso uma Escrevivência, se Conceição Evaristo nos conceder a honra de assim poder dizer. Em *Casa de alvenaria*, Carolina Maria de Jesus conta sua saga e mostra as agruras de sua gente: "Sabe Carolina; peço-te para incluir no teu diário que há preconceito no Sul" (Jesus, 2021a, p. 152); "Dona Carolina, escreve no seu livro que..." (JESUS, 2021a, p. 158.) Não é necessário esforço extra para a escuta desse pedido: Carolina fala de nós! Isso porque a escritora ex-favelada escrevivencia: "Vou transformar meu diário em fala do povo do Brasil" (JESUS, 2021a, p. 206). Carolina Maria de Jesus é mensageira de sua gente e não está sozinha. Ela explicita os modos de vida dos brancos e sua branquitude: "O homem que espancou meu filho é branco. Ele olhava o meu filho e dizia: Vocês enriqueceram desgraçados" (JESUS, 2021b, p. 144.) "Quem predomina no Brasil é o branco. Ele quer tudo de bom só para ele" (JESUS, 2021b, p. 144). A escritora escrevivencia e não só marca o chão por onde passa, marca no chão também a força da comunidade negra, ainda que com muitas agruras.

Recentemente, conhecemos a dissertação de mestrado de Rita de Cássia Corrêa da Silva (2023), intitulada *Pelo espelho de Oxum: reflexos e reflexões de trabalhadoras negras sobre educação permanente em saúde*, em que podemos ver a volta metodológica que a autora precisou dar para realizar sua pesquisa, compromissada que estava como mulher negra.

Nesse caso, o contorno fez-se também pela Escrevivência, com a apresentação da vivência da pesquisadora, que traz a experiência coletiva do "nós", como se fosse o eco daquela consigna: "Carolina fala de nós". Rita de Cássia Corrêa da Silva apresenta seu contorno metodológico com a escolha do princípio, que é o espelho de Oxum. Ela o toma como uma ferramenta metodológica para ajudá-la a pensar como "mulheres pretas que traçaram seus caminhos na produção do cuidado em saúde ao aprender e ensinar"



(SILVA, 2023, p. 91). Com o trabalho na educação permanente em saúde, onde se encontra, Rita de Cássia Corrêa da Silva almeja como efeitos de sua pesquisa a produção subjetivante do SER/SE CONHECER e do ESTAR/RECONHECER, tanto como um retorno para a pesquisadora, como para as trabalhadoras na saúde coletiva, coadjuvantes pesquisadoras, o que, a partir de Fanon (2008, 2015), podemos chamar de reconhecimento cultural. É o necessário "caráter resolutivo" (SILVA, 2020, p. 150) da pesquisa, sendo útil e benéfica para as partes envolvidas e afirmando o protagonismo dos envolvidos além do pesquisador acadêmico, como produtores de conhecimento.

Esse caminho de pesquisa acompanha o sentido de vida dos povos negros e indígenas, muito particularmente das mulheres negras, para além da estética literária e está dentro da nuvem de questões, de discussões de como se faz ciência, de problemas epistemológicos e de saberes que povoam o espaço universitário desde a chegada de alunos cotistas. São discussões que estão se fazendo e estão por se fazerem, em muitos níveis do saber e da produção do saber, sobretudo levadas por pesquisadores recém chegados à academia, no contexto das ações afirmativas e das cotas para negros e indígenas e de profissionais da educação, da saúde e da assistência, impulsionados pelo atual debate antirracista no Brasil e no mundo. Por exemplo, temos o trabalho de Mestra Mayá, registrado no livro *A escola da reconquista* (RIBEIRO, 2022), marcadamente localizado no campo da luta pela educação escolar das crianças pataxó hã hãe, no Sul da Bahia.

Retomando a questão da ferramenta metodológica: que espelho é esse? O que ele deixa ver? Nas nações de candomblé de matriz yorubana, Oxum é a mãe-água-doce. Essa expressão da natureza é correlata à força que, nas casas das tradições congo-angola recebe o nome de Ndandalunda. Tata Kavungile, no terreiro Lumyjacare Junsara, na Baixada Fluminense, diz que Ndandalunda é a cachoeira, a água doce e a água fresca. Nas *kizomba* (festas), Ndandalunda costuma ter à mão um leque em forma circular em cujo centro pode vir um espelho: o de Oxum-Ndandalunda é amarelo-ouro, o de Kayala-Iemanjá é prateado. O que trazem na mão é o seu elemento, o espelho d'água. A água doce e fresca dos rios das matas e das cachoeiras ou a água salgada do oceano. O espelho d'água carrega um significado cosmológico ou espiritual, no sentido do pensamento do povo de terreiro e evidencia a centralidade da água, para tudo que é vivo. O espelho de vidro de Oxum e Iemanjá presentifica a água como força ancestral e expressa o vínculo profundo dos viventes com as forças da terra e do mundo, a ponto de





ser a permanente memória de onde viemos, para onde vamos e, por conseguinte, a lembrança de que, conforme os ensinamentos que vieram da África pelos mais velhos, nos constituímos pessoas fazendo a travessia. São pessoas que vêm da água, da terra e se constituem como comunidades, portanto pessoas aterradas. Nesse ponto, o abebé e o espelho podem ser compreendidos como canal de conexão com essa profundidade mítica do vivente, de onde ele veio e onde ainda está, o mar e a água, as forças que permitem a vida em suas inúmeras e ilimitadas variações. O espelho remete ao oceano da água e é a linha ou superfície separadora entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, e nos lembra a eterna circularidade do nascer, “[...] renascer ou re-re...nascer” (FU-KIAU, 2001, *apud* SANTOS, 2019, p. 32), que configura a travessia cósmica.

Esse é, então, o viés epistemológico do espelho de Oxum, um apetrecho que permite "ser e se conhecer", "estar e se reconhecer" (SILVA, 2023), num eco com a escrita de Carolina Maria de Jesus e a de Conceição Evaristo, que a fizeram em *pretuguês*, e assim *bantuizaram* a literatura brasileira. Ao escrevivenciar o fazer científico, a pesquisadora Rita de Cássia Corrêa da Silva (2023) marca o chão da ciência por onde passa, deixando nesse chão a força e o pensamento da comunidade negra.

O *abebé* ou espelho de Oxum ou Ndandalunda, Iemanjá ou Kayala é, nesse contexto de questões metodológicas, instrumento capaz de mostrar "o interior de cada um" (SILVA, 2023, p. 14), em ligação com as "referências familiares" (SILVA, 2023, p. 15), portanto, capaz de ativar memórias e saberes e trazer as histórias da luta das avós (vó Maria, vovó Rocha e muitas outras avós) e suas famílias estendidas (SILVA, 2023, p. 19), suas famílias-comunidades, ou famílias-quilombos, seus terreiros.

Ao olhar o abebé ou espelho de Oxum e de Iemanjá, vemos nossa própria imagem, que é a água, o rio, o mar. São compleições ancestrais. O abebé não dá acesso ao rosto-forma, como no mito de Narciso, o rosto imutável, uma vez que perfeitamente composto. O campo de referências do espelho d'água para os descendentes africanos coloca-nos (mais especificamente os povos da África Central, povos de idiomas bantu) diante da imagem de um "ser [que] cresce enquanto ser mesmo" (TEMPELS, 1948, p. 38-39, tradução nossa), uma vez que "o ser é força, a força é ser", segundo descreve Tempels (1948, p. 36, tradução nossa). Trata-se aí de um *ser-força-sendo* em vez da imagem deslumbrada e fixada do ser, tal como o ocidente o compreendeu. O que surge através do espelho de Oxum são as forças e não a imagem isolada da beleza de um rosto, mas a beleza da vida como expressão de Kalunga. De acordo com Fu-Kiau,



Kalunga é uma força de fogo completa em si mesma que explodiu dentro do *mbûngi* (o vazio) e tornou-se fonte de vida na Terra, “[...] processo e princípio de mudança [...]” (FU-KIAU, 2001, *apud* SANTOS, 2019, p. 22), a partir da qual se e produziu a luz, a água, os rios e mares, as montanhas, as matas, os animais e os homens e as mulheres. Símbolo da imensidão e do ilimitado, Kalunga é a “[...] água interminável dentro do espaço cósmico [...]” (FU-KIAU, 2001, *apud* SANTOS, 2019, p. 22) e é também o espelho d’água que separa o mundo visível e o mundo não visível das forças, sendo assim, o portal de acesso, de leitura para se compreenderem as forças que continuamente geram as condições da existência, inclusive da existência social e psicológica.

Na imagem-força que aparece no espelho, são as transformações, a renovação e a mudança que se expressam. Isso é suficiente para nos sinalizar o quanto pode estar distante a concepção de um eu unificado (*ich, idealich*), ainda que isso só aconteça na mirada de um ideal-de-eu (*ichideal*), explorado pelas teorias europeias de meados do século XX, da vivência do eu (*mutuê, ori, cabeça*) para esses povos provenientes da diáspora africana. *Ndandalunda*, a cachoeira, da mais calmas à mais violenta, como diz *tata Kavungile*, é a mesma *Ndandalunda*, porém sempre diferente e jamais aquilo que está parado como um rosto para contemplação. Aí aparece algo inusitado que é uma “cultura”, um estilo de vida para o qual a beleza só pode ser vista como processo, transformação, movimento e arranjo de forças e nunca como um objeto sob o estado de um regime de rosto, não uma imagem do rosto, mas da vida no seu *sendo* natural.

Esse olhar para as forças nós o queremos como sinalizador de outra cognição, outra semiótica no processo de ativação da pesquisa e do cuidado das pessoas, pensado a partir de uma perspectiva negra e indígena, evidenciando o sentido dos saberes da ancestralidade como caminhos que pautam nossas vidas e a profissão do cuidar.

Isso mesmo, nos caminhos da pesquisa e da prática psi que almejamos construir, com seu sentido metodológico-epistemológico, essas são as balizas que estão na condução da vida e se expõem e se atualizam no modo dos encontros e das profissões. A história da pessoa não aparece como recurso metodológico formal porque se faz pesquisa e análise de algum jeito, nem de implicação formal, mas como expressão visceral da condição técnica, social e política que a pessoa ocupa, sua condição na diáspora e na resistência negras e os afetos se apresentam em relação aos grupos sociais dominantes ou à brancura. É fundamental explicitar as condições em termos de força, de



poder, de violência, de interesse, de perspectiva daquele que faz pesquisa, que escreve e que cuida.

Na pesquisa canônica, é isso que lhe dá o estatuto de ser ciência, sendo que a escrita, nesse modo, subtrai e oculta os interesses, a condição do pesquisador e sua identidade. Mesmo em grupos de cientistas mais críticos das epistemologias, a identidade está omissa. Isso não ocorre casualmente ou por voluntarismo, está omissa porque a omissão faz parte da estratégia de distanciamento daquele que pretende dizer a verdade, uma verdade independente da complexidade daquele que fala e que faz a verdade, ou que traz a verdade para o plano da palavra, do discurso. Isso não ocorre por voluntarismo, mas porque a comunidade científica da qual ela participa não aceitará que a pessoa pesquisadora deixe aparecer as forças que tramam suas intenções. É como se, no modo de produção instaurado na modernidade, o conhecimento precisasse ter a mesma aparência fetichista que Karl Marx (MARX, 1996) descreveu para a mercadoria, quer dizer, o consumidor não pode ver a trama (as forças) macabra de como o produto encontrado na prateleira foi produzido. É um modo de dar consistência às relações sociais pela alienação social, pelo fetichismo ou pela objetificação do saber. Nesse modo, a escrita científica, ao negar as oralidades, institui uma falsa díade entre o oral e o escrito, e essa é uma estratégia de apagamento, pois é “[...] exclusão dos povos que privilegiavam as performances corporais como formas de criação, fixação e expansão de conhecimento.” (MARTINS, 2021, p. 33).

Na metodologia do abebé, a pessoa não é ocultada na relação com a estratégia de poder (forças) na qual o conhecimento se faz, mas ela, a pessoa, aparece em suas estratégias de luta, de força de construção de identidade, de conhecimento e de engajamento comunitário. Esse compromisso com o pertencimento, com a identidade histórica coletiva, com o pôr à luz do sol as forças que impulsionam o pesquisador e o mantêm, leva ao que Conceição Evaristo (2020a, 2020b) apresentou como *escrevivência*.

Assim, *escrevivência*, aqui, é, além de um recurso estético literário, também um modo de dar a conhecer e de fazer conhecimento. Essa ética negra está aí afirmada no conhecer, se reconhecer no pluriverso das referências; no conhecer o outro, se reconhecer no conhecimento que produz e reconhecer, seja o outro seja sua própria comunidade, no plano mesmo da pesquisa que ali se desenrola e se coloca. Há aí uma espécie de honestidade étnica dos povos indígenas, cabinda, monjolo, tupinambá,



pataxó, uma dignidade para a qual, mesmo na guerra, na luta, o outro precisa saber quem somos e ser assim respeitado. Honestidade é estar presente na própria luta e não se ocultar e fazer a “magia branca” de fingir que não existe a guerra, quando a guerra está acontecendo ali na nossa frente, naquele fingimento que pode se tornar a pesquisa. Nossa pesquisa e nossa prática não estão aí para fazer fingimento.

Essa é uma forma de resistência e contraposição ao sentido de escrita que inaugura a ideia do pensamento como sinônimo de existência, como cognição das sociedades ocidentais, brancas e patriarcais, pois nos apresenta outro modo, típico das epistemologias africanas, de invenção de saberes, que “[...] perfazem pela voz em suas ressonâncias nas corporeidades.” (MARTINS, 2021, p. 32). É oralidade e escrita no mesmo fenômeno, na mesma temporalidade: “A palavra oraliturizada se inscreve no corpo e em suas escansões.” (MARTINS, 2021, p. 32). No entanto, como já dissemos, apostamos na Escrevivência e no seu princípio espelho de Oxum como método que institui (ou melhor, que reconhece) uma epistemologia negra. Portanto, não entendemos Escrevivência e espelho de Oxum apenas como ferramentas de pesquisa, mas, sim, como um princípio, uma “filosofia para reexistir” (NOGUERA, 2020, p. 7) e, assim, temos construído uma prática no campo psi também fundamentada nesse modo, a fim de que a psicologia que fazemos, de fato, encontre pessoas negras e que o princípio do espelho de Oxum seja condutor para a reexistência, para o reconhecimento cultural de pessoas negras. Com isso, trazemos à cena a ideia de que o espelho de Oxum pode nos mediar formação subjetiva, afirmação identitária, a partir dos nossos corpos, das nossas existências negras.

Consideramos, para tanto, fundamental entender como essa formação subjetiva, essa afirmação identitária negra nos é ensinada por Conceição Evaristo em sua obra e em sua vida.

Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo o corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se



deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão. Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente, ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não representam uma entidade, elas são as entidades esculpidas e nomeadas por eles. (EVARISTO, 2020b, p. 49).

A cena da família Evaristo (2020b) nos toma pelo sentido indissociável para os povos negros entre identidade e ancestralidade, em que passado, presente e futuro se entrelaçam circularmente, desfazendo a perspectiva desenvolvimentista e, portanto, linear do tempo grego. A mãe de Conceição Evaristo aprende com os mais antigos um gesto, que só é ancestral porque é ritualizado cotidianamente na aprendizagem do “[...] olhar e pela postura cúmplice das filhas [...] ainda meninas.” (EVARISTO, 2020b, p. 49). E que sentido de infância essa cena traz, que existe nessa afirmação de ancestralidade, mas não cabe em nenhuma das nossas psicologias do desenvolvimento, escolar, educacional e todas outras mais que podemos citar a partir das suas disciplinizações (CARVALHO, 2022; DIONÍSIO, 2012).

Somos uma mulher negra e um homem negro construindo pesquisa e prática em psicologia, tendo como inegociável a racialização do racismo antinegro no Brasil, bem como as agências dos povos negros, em que escrevivência e seu princípio espelho de Oxum vêm sendo fundamentais, pois “[...] não é difícil perceber que a ciência psicológica cresceu sem considerar os povos negros e indígenas como sujeitos históricos.” (SANTOS; OLIVEIRA, 2021, p. 251).

A essa cena contada por Conceição Evaristo outra se junta, trata-se de um relato importante para pensarmos como nossas práticas alcançam os sentidos de ancestralidade e de identidade encontrados na obra da escritora. Trata-se da história de um jovem negro de 14 anos, estudante do ensino médio de uma das escolas onde desenvolvemos estágio de formação em psicologia, o qual acontece em escolas públicas e tem por objetivo a formação de estudantes de psicologia diante dos processos instituídos pelo racismo antinegro. Portanto, é finalidade nossa também construir formas de mediar o que temos chamado de reexistência, reconhecimento cultural, quando aproximamos as obras de Conceição Evaristo e de Fanon, no que pode também ser lido como aterramento, enteirramento, tal como apostamos neste artigo.

O jovem da nossa história frequenta o grupo coordenado por nossa equipe na escola em que estuda. Certo dia, ele nos disse: “estou com muita raiva”. Quando



indagado sobre o motivo, ele respondeu: “vivenciei em uma aula atos racistas, falas feitas por um professor: “até que seu cabelo é bom”; “agora é fácil entrar nas instituições, vocês têm cota”, dentre várias outras falas racistas direcionadas não somente a ele, mas a outras/os estudantes negras/os da turma. Ele seguiu: “meus colegas e eu interrompemos a aula em 20 minutos. E fizemos um ato-denúncia na escola. O professor foi retirado da turma, mas eu não deixo de sentir raiva”.

Começamos, então, a conversar sobre a raiva e logo fomos entendendo a quem era direcionada à raiva, quando a cena deixa de focar a sala de aula e passa à seguinte memória trazida pelo jovem: “não posso conviver com a minha avó negra. Minha família não deixa”. Sendo filho de uma família inter-racial, ele reconhece o gesto do professor naquele que o afasta da avó negra. Do ponto de vista da luta política e dos direitos, ele soube muito bem o que fazer — um ato denúncia do professor racista —, mas e diante do “sofrimento psíquico”, da raiva e das associações que esse sentimento traz, o que fazer?!

Podemos afirmar que ele também soube o que fazer diante dessas questões, ao procurar um espaço em que a sua fala não cairia no vazio de uma análise em prol de uma subjetividade universal, em que sua raiva não entraria na cadeia de associações inconscientizadas e somente entendidas a partir de um sentido de família que não cabe aos povos negros. Esse jovem negro tem nos ensinado o quanto precisamos fazer do nosso grupo uma comunidade em que o rosto, o corpo, o gesto, a cor da sua avó negra, possam ser espelho para ele.

Esse jovem negro, estudante de escola pública, filho de uma família inter-racial, nos ensina, tal qual Fanon (2008, p. 134) que “o drama desenrolando-se à luz do dia, o negro não tem tempo de ‘inconscientizá-lo’.” Não há amnésia afetiva que caracteriza neurose -tipo. Não há romance familiar que dê conta do que está dado concreta e cotidianamente. Não há nada de incidente ou de simbólico de um objeto para sempre perdido, mas, sim, a raiva de não encontrar pertencimento, o rosto dos seus, moldado na imagem de sua avó negra. São as voltas do jovem negro, assim como as de Ponciá, diante da sua imagem no rio.

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes se distraía tanto, que até esquecia da janta e quando via o seu homem estava chegando do trabalho. [...] O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. [...] Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu



nome responder dentro de si. [...] Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos. (EVARISTO, 2017, p. 18).

Ponciá Vicêncio também sabia trabalhar muito bem o barro. Um dia ela fez um homem baixinho, curvado, magrinho, graveto e com o bracinho cotoco para trás. A mãe pegou o trabalho e teve vontade de espatifá-lo [...]. O que fazer com o vô Vicêncio da filha? Sim, era ele, igualzinho! Como a menina se lembrava dele? [...] Como, então, Ponciá Vicêncio havia guardado todo o jeito dele na memória? [...] Não fez nenhum gesto de aprovação ou reprovação. Aquilo era uma obra de Ponciá Vicêncio para ela mesma. (EVARISTO, 2017, p. 20-21).

Quando Ponciá Vicêncio, depois de muitos anos de trabalho, conseguiu comprar um quartinho na periferia da cidade, retornou ao povoado. (EVARISTO, 2017, p. 41).

Ponciá correu e abriu a janela de madeira. [...] Foi ao velho baú de madeira, tirou de lá algumas palhas secas e viu então, lá no fundo, o homem-barro. Vô Vicêncio olhava para ela como se estivesse perguntando tudo. (EVARISTO, 2017, p. 43).

Hoje, como profissionais do campo psi, nos perguntamos como podemos desenvolver práticas de cuidado para que esse jovem negro e muitas/os outras/os encontrem a “grafia desenho” do seu rosto, dos rostos dos seus e das suas, a exemplo do que Ponciá Vicêncio faz com o Vô Vicêncio.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob o signo da história aqui contada, estão mergulhados os descendentes dos negros africanos e ameríndios no Brasil, que estão nos serviços públicos de saúde coletiva, nas escolas públicas, nos serviços de assistência e no sistema prisional (Santos, 2018), sendo objetos de práticas psi que não permitem o conhecimento e o reconhecimento pelos seus, e ainda produz desconhecimento.

Assim, nós, psicólogos negros, tomados também pelo desconhecimento diante de teorias que nos formaram em nossas pesquisas e nossas práticas, temos feito encontros com autoras/es negras/os, a fim de desenvolver em nossos grupos de pesquisa, ensino e inserção social o encontro com os modos de vida que permitam a afirmação da identidade afrodiaspórica. Um dos nossos encontros mais potentes é com o espelho de Oxum trazido por Conceição Evaristo, o qual faz ver, como dizemos ao longo do texto, não um eu como a mim mesmo, o próprio rosto para embelezamento e contemplação, mas um sentido de que, diante do espelho de mamãe Oxum, embalamo-



nos olhando o mais profundo. A palavra “espelho”, na língua dos portugueses, em “ocidentalês”, com o perdão para o neologismo, traz a referência do espelho de Narciso, vinda pela modernidade europeia, dos antigos gregos. No mito, segundo a modernidade o recupera, Narciso, vendo a si mesmo no espelho d’água, expressa a vaidade pela beleza do rosto. Mas não é a mesma água, portanto não é o mesmo espelho o de Narciso e o de Oxum.

A variação metodológica com o acessório de Oxum, esse caminho de adentrar na trama da existência e do conhecer, é um modo de revelar aquilo que está habitualmente ocultado ou dissimulado no conhecimento fetichizado. E, o mais importante, o modo de vida das pessoas negras e indígenas, as pessoas da diáspora, provenientes dos ameríndios e dos africanos ganha visibilidade, o reconhecimento de nós por nós se torna possível e um exercício.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIROS, Luiza. Assim falou Luiza Bairos. [Entrevista concedida a] Fernanda Pompeo. *Portal Geledés*, out. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/assim-falou-luiza-bairros/>. Acessado em: 21 de julho de 2020.

BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (org.). *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo: ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo*. São Paulo: Anhembi/UNESCO, 1955, p. 227-310.

BICUDO, Virgínia Leone. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo*. São Paulo: Sociologia e Política, 2010. [Primeira edição lançada em 1945].

CARVALHO, Maisa. Rocha. de. Do acesso e permanência à resistência: impactos da política afirmativa para negros na formação em psicologia da UFRJ. *Revista da ABPN*, v. 14, (Ed. especial), 2022, p. 103-128. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1446>. Acessado em: 20 de julho de 2023.

DIONISIO, Dejair. Feitiços e benzimentos: a perspectiva banto em Ponciá Vivêncio. *Revista da ABPN*, v. 3, n. 6, 2022, p. 31-38. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/349/323>. Acessado em: 20 de julho de 2023.

EVARISTO, Conceição. AULA MAGNA ESCREVIVÊNCIAS COM CONCEIÇÃO EVARISTO, 2021, [s. l.]. 1 vídeo (149 min). [S. l.: s. n.], 2021. Publicado pelo canal Mulherio UFF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ehSaZiXLOvY>. Acessado em: 20 de julho 2023.





EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b, p. 48-54.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a, p. 26-46.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2015.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.

FANON, Frantz; AZOULAY, Jacques. A socioterapia numa ala de homens muçulmanos: dificuldades metodológicas. *In*: FANON, Frantz. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu, 2020, p.171-193.

FU-KIAU, Kimbwandênde Kia Bunseki. A visão bantu kongo da sacralidade do mundo natural. *Instituto Cultural Mwana Zambe Tradição Bantu Educação Afro-brasileira*, 4 de junho de 2013. Disponível em: <http://mwanazambe.blogspot.com/2013/06/a-visao-bantu-kongo-da-sacralidade-do.html?m=1>. Acessado em: 21 de julho de 2023.

GOMES, Daniel de Oliveira. *Crítica à “educação branca”*: escrevivências, currículo e identidade para um ensino de história antirracista. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2023.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: volume 1*: Osasco. São Paulo: Companhia das Letras, 2021a.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: volume 2*: Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b.

LÉGER, Claude. Que outro é esse então, ao qual sou mais apegado do que a mim mesmo? *In*: MILLER, Gérard. *Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989, p. 24-44.

LIMA, Ludmilla, LIMA, Fátima, & OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de (2022). Mulheres negras, subjetivação e trauma colonial: bem viver e futuridade. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 14(Ed. Especi), 60–77. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1444>

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo tela*. Rio de Janeiro: Cobogó. 2021.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

NOGUERA, Renato. Fanon: uma filosofia para reexistir. *In*: FANON, Frantz. *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. São Paulo: Ubu, 2020, p. 7-19.



RIBEIRO, Maria Muniz Andrade (Mayá). *A escola da reconquista*. Arataca: Teia dos povos, 2022.

SANTOS, Abrahão de Oliveira e OLIVEIRA, Luiza Rodrigues de. O bloqueio epistemológico no Brasil. *Revista Espaço Acadêmico*, 20(227), 250-260 (2020). Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/53993> Acessado em 17 jul. 2023.

SANTOS, A. de O. (2018). SAÚDE MENTAL DA POPULAÇÃO NEGRA: UMA PERSPECTIVA NÃO INSTITUCIONAL. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 10(24), 241–259. Recuperado de <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/583>

SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fuki-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-30042019-193540/publico/2019\\_TiganaSantanaNevesSantos\\_VCorr.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-30042019-193540/publico/2019_TiganaSantanaNevesSantos_VCorr.pdf). Acessado em: 20 jul. 2023.

SILVA, Rita de Cássia Corrêa da. *Pelo espelho de Oxum: reflexos e reflexões de trabalhadoras negras sobre educação permanente em saúde*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva), Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2023.

SILVA, Viviane Pereira da. *A palavra tem força: uma psicologia do axé e dos encantamentos*. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2021. Disponível em: [http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/12/2021\\_t\\_Viviane\\_P\\_Silva.pdf](http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/101/2021/12/2021_t_Viviane_P_Silva.pdf). Acessado em: 17 de julho de 2023.

SILVA, Viviane Pereira da. Pesquisa em conexão: uma perspectiva em construção. In: SANTOS, Abrahão de Oliveira (org). *Saberes plurais e epistemologias aterradas: caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas*. Niterói: Eduff, 2020, p. 143-150.

TEMPELS, Placide. *La philosophie bantoue*. Paris: Présence Africaine, 1948.

*Este artigo foi produzido a partir de fomento FAPERJ.*

*Recebido em: 07/08/2023*

*Aprovado em: 18/09/2023*